

Enviando notícias: vida rural nas colônias do Vale do Itajaí e norte de Santa Catarina

Manoel P.R. Teixeira dos Santos*

Resumo

Este artigo procura analisar os depoimentos de colonos e viajantes que descreveram o modo de vida rural nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina. Estes relatos poderiam ser úteis tanto para aqueles que promoviam a emigração quanto para os que advertiam para os seus problemas. Muitas destas descrições eram redigidas com destino estabelecido. Sendo assim, a idéia de construção de uma *memória coletiva* na elaboração destas notícias enviadas à Europa é parte integrante desta análise.

Palavras Chave: Depoimentos - Imigração - Vida rural – Colonização

Abstract

This article aims to analyse testimonies of colonists and travellers who described the rural way of life of northern and Itajaí Valley colonies of Santa Catarina. These reports could be usefull both to those who promote the emmigration and to those who draw attention to settlement problems. A lot of these descriptions had had destiny even before their composition. Thus, the idea of *collective memory* construction in the making of news sent to Europe is a part of this analysis.

Keywords: Testimonies - Immigration - Rural life - Colonization.

As correspondências de imigrantes e os relatos de viajantes são interessantes instrumentos de análise da memória numa colônia. As informações contidas nesses documentos tinham, geralmente a finalidade de informar aqueles que permaneceram na Europa, de quê forma viviam os europeus que escolheram a vida nas colônias do sul do Brasil. Este tipo de informação poderia servir tanto para agentes em busca de futuros emigrantes quanto para os que advertiam-na para seus males.

Pretende-se analisar algumas dessas correspondências e relatos, em especial os que descrevem o meio rural, suas particularidades e possíveis contradições. As transformações nos hábitos rurais dos colonos estabelecidos nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX, eram assuntos de interessantes depoimentos registrados de forma escrita.

Os depoimentos pessoais estão comumente agregados as influências do meio em que viviam. As correspondências e relatos de viajantes geralmente retratavam momentos logo após a chegada às colônias, entretanto a idéia de “construção” de uma memória coletiva sobre o modo de vida rural que levavam parece comum à boa parte destes depoimentos. Para Marina Maluf, “as lembranças pessoais são dotadas de preceitos de comportamento, de apresentação de imagens que não podem ser tratadas como o ‘verdadeiro’ testemunho do privado”.¹ Quanto à memória coletiva, Maurice Halbwachs escreve: “Ela [a memória coletiva] evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças

* Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos é mestrando do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. Este artigo é parte integrante da pesquisa do Projeto de Dissertação intitulado Um Novo Ambiente: a relação entre os imigrantes e o meio natural nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina, previsto para ser concluído em março de 2004.

individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”.²

O controle sobre o serviço postal destas colônias era uma das preocupações das diretorias administrativas. Entre os 23 Artigos elaborados pela Companhia Protetora de Emigrados Alemães à Província de Santa Catarina para normatizar a emigração, estava a preocupação de não permitir que correspondências privadas ou oficiais enviadas ou recebidas por colonos deixassem de passar pelas mãos da direção dos núcleos coloniais.³ Desta forma, surgem ao pesquisador algumas perguntas imediatas: Que tipos de correspondências foram guardados nestes arquivos pesquisados? Existiria interesse em preservar depoimentos que não estivessem de acordo com um ideal positivo de memória coletiva? Esta possível idéia de “seleção” de uma memória coletiva teria a preocupação de preservar o quê?

Algumas destas perguntas não podem ser respondidas com clareza, entretanto, é possível refletir sobre depoimentos pessoais de imigrantes publicados em revistas ou livros que retratam a vida nas colônias do Vale do Itajaí e norte de Santa Catarina. Enfim, sabe-se que algumas destas correspondências eram compostas com fins estabelecidos e isto pode ser encarado como fenômeno de influência externa. Além disso, o contexto da leitura poderia fazer com que um mesmo depoimento fosse utilizado tanto para valorizar quanto para denegrir a imagem da vida nestas colônias do sul do Brasil.⁴

Ao nosso olhar, a grande maioria dos textos arquivados com os quais tivemos contato, descrevem informações positivas das colônias, e quando possível aconselham aos seus patrícios que permaneceram na Europa a deixarem tudo em troca de uma “vida agradável” no sul do Brasil. Curiosamente, a maior parte destas cartas apaixonadas pelo “novo ambiente” refere-se aos primeiros anos na colônia, quando evidentemente as dificuldades eram consideravelmente maiores. Observa-se que estas dificuldades dos primeiros anos eram comumente descritas como forma de evidenciar a valentia destes imigrantes na busca bem sucedida de uma vida melhor a que tinham na Europa. A intensidade de problemas como a proliferação de doenças⁵, a complicada e violenta relação com a população indígena e as dificuldades para o estabelecimento das primeiras lavouras, motivavam a grande rotatividade destas populações.

As impressões e informações mais negativas sobre a imigração para o Brasil são mais facilmente encontradas em relatos e correspondências divulgados na Europa com o intuito de prevenir sobre as dificuldades que poderiam enfrentar os interessados em emigrar. As maiores queixas de imigrantes que escolheram o Brasil como “novo lar” estavam focadas nas regiões de plantação de café que utilizavam o sistema de parceria, onde estes trabalhadores atuavam como substituição da mão-de-obra escrava. A gravidade das reclamações motivou o governo da Prússia a proibir a emigração para o Brasil.⁶

As propagandas de companhias colonizadoras destinadas a conquistar europeus interessados em emigrar para as colônias do sul do Brasil utilizavam como meio de divulgação uma série de folhetos. De acordo com Débora Bendocchi Alves, este material era de grande importância para o processo emigratório, suas informações deveriam conter descrições curtas e positivas sobre o destino.⁷

Neste contexto aparece Günter Fröbel, herdeiro de uma tipografia e proprietário de um escritório de emigração em *Rudolstadt* e que em 1846 fundou o jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* cujo conteúdo deveria ser constituído de:

Artigos originais sobre teoria e prática da emigração e principalmente regiões mais apropriadas para os emigrantes; resumos de impressões gerais de viagem de interesse dos emigrantes; notícias sobre rotas de viagem, oportunidades e custos da travessia oceânica; informações políticas de interesse dos emigrantes; etc.⁸

As cartas pessoais de emigrantes também passaram a ter uma publicação periódica neste jornal. A possibilidade de aliar sua agência de emigração com a publicação deste periódico era de grande valia para Günter Fröbel. A abrangência do “*Allgemeine Aswanderungs-Zeitung*” extrapolou os limites do continente europeu chegando a circular em várias regiões do mundo, entre elas o Brasil, principalmente nas colônias Blumenau e Dona Francisca.⁹

A influência destes escritos na Europa também poderia ser percebida através de publicações que visavam advertir aos futuros emigrantes sobre as dificuldades que poderiam enfrentar na “nova terra”. Uma destas publicações, *Advertência contra a emigração para o Brasil*¹⁰ de W. Schentke, escrita por volta de 1870, apresenta-nos alguns exemplos de dificuldades que deveriam inibir uma possível emigração para a então Província de Santa Catarina.

Ao sul da província do Paraná que ainda se encontra completamente inaproveitada e despovoada, está situada Santa Catarina onde, infelizmente, vegetam duas povoações artificialmente agrupadas, cada uma com 4 a 5.000 indivíduos¹¹, com um futuro completamente desolador. É um região montanhosa coberta de densa floresta, o que torna quase impossível a construção de estradas e o transporte de produtos.¹²

Sobre a produção agrícola este texto advertia:

Se pois um colono tiver que cultivar sua lavoura com a enxada, como se faz de modo geral em quase toda costa da província de Santa Catarina, para cuja cultura pode alguém em outros lugares usar o arado, então, no aspecto econômico, o primeiro está em significativa desvantagem em relação às demais. Por isso, o colono desta região precisa optar por uma cultura em detrimento da outra. Esta é a razão porque as colônias em Santa Catarina não conseguem progredir¹³.

Denúncias de dificuldades enfrentadas por colonos em Santa Catarina publicadas em jornais, também foram aproveitadas para reforçar este tipo de advertência contra a escolha do Brasil como “novo lar”.

Um jornal Liberal do Império (Kolonie-Zeitung, diário de Dona Francisca e Blumenau, do dia 4 de dezembro de 1869) menciona, entre outras denúncias contra o governo, o fato de que se tem visto diariamente colonos da Colônia Itajaí voltando esfarrapados e esmolando pão para sobreviver.¹⁴

A publicação de W. Schentke evidencia um olhar muito diferente da maior parte das correspondências de colonos ou relatos de viajantes utilizados nesta pesquisa. Seu julgamento sobre a situação das colônias Blumenau e Dona Francisca procurava apontar os insucessos e alertar para a dura vida que levariam seus futuros habitantes.

Depois de vinte anos de existência e com uma população de cerca de 4.000 almas, a colônia de Blumenau não produz nada de digno de ser mencionado para a exportação além de algumas centenas de milhares de charutos e algumas centenas de tábuas. Ao passo que, como menciona o “Germania” de 8 de maio de 1870, precisa comprar alimentos, roupas, gado, carne seca, farinha, açúcar e café. As adversas condições climáticas associam-se com selvagens habitantes da floresta para sufocar esses pobres habitantes de Blumenau e seus objetivos enquanto, justamente eles, são freqüentemente usados como exemplo para glorificar o gênio colonizador da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849 e do Senhor Blumenau.

Como Blumenau, também Dona Francisca se arrasta com muletas da subvenção estatal. A colônia está por ora atarefada em resolver as dificuldades com o arroteamento do terreno que, em geral, caracteriza a província de Santa Catarina de modo que a opinião de um alemão que lá vive só pode ser verdadeira quando diz: “As colônias de Santa Catarina não são aptas para se viver, tanto por falta de bons portos e caminhos, como por falta de qualquer instalação de navegação fluvial e, por causa da inexistência de um povoamento interior, não se deve esperar um desenvolvimento através do comércio e da indústria.”¹⁵

Escrever para aqueles que permaneceram na Europa era certamente um momento especial de aproximação com sua pátria de origem e com seus entes queridos. O colono alemão Johan August Priestien emigrou para Blumenau em 1855 em busca de uma vida de proprietário rural. Era natural de Rothenhausen em Lübeck onde era arrendatário de terras. Em 1868, publicou um livro contando suas impressões sobre a colônia Blumenau e apresentando conselhos aos que desejassem emigrar para esta região. Em seu depoimento, chegou, por vezes, a comparar e reforçar as diferenças entre a vida de “agricultor pobre” na Europa com o modo de vida rural nas colônias do sul do Brasil. No prefácio do livro o autor apresenta claramente sua satisfação com a nova terra

Eu escrevi para vocês, pais de família que olham com pena o grande número de seus filhos por não estarem, como também comigo acontecia, em condições de alimenta-los devidamente. Para vocês, arrendatários de terras de custosos alugueis que, como também comigo acontecia, vêem escoar-se de ano para ano, consumindo-se com as suas famílias, para, afinal, quando não estiverem mais em condições de pagar o aluguel, serem despejados sumariamente. Se ainda for tempo, e se ainda puderem salvar os meios para vir para cá, decidam-se de uma vez e venham, que não se arrependirão.¹⁶

Este tipo de publicação era um importante instrumento de convencimento dos mais temerosos candidatos a emigrar. O depoimento de Johan Priestien ainda continha uma espécie de “ultimato” destacando as diversas vantagens que a escolha por emigrar poderia proporcionar.

Se tiverdes aí na Alemanha, algum projeto ou proposta vantajosa em vista, não empregueis as vossas economias em qualquer outro meio de vida. Muitos aí caíram em verdadeiras arapucas; muitos foram espoliados, outros estão próximos ao completo esgotamento. Aqui porém, tudo corre limpo e claro, rico e saudável. Por fim, eu escrevi-as para vós, prezados patrícios e colegas, que ansiais por possuir uma pequena propriedade e não tendes os meios necessários para isso e nem para começar aí na velha Pátria algo seguro. Vinde, sem grandes hesitações, para cá eu vos asseguro que não vos arrependereis. Eu sei que vocês aí pagam mais de um aluguel por um alqueire de terra do que pagariam por dez alqueires de terra tão boa como daí. Aí, um alqueire de terra vos dará apenas uma colheita por ano e aqui, na mesma quantidade vocês podem ter três colheitas por ano. Naturalmente, o terreno aqui ainda está coberto de mata virgem, que deveis primeiro renovar. Mesmo assim, já no primeiro semestre podereis contar com uma colheita e depois é só plantar e colher sem pagar qualquer imposto ou arrendamento.¹⁷

Apesar de em seu livro apresentar-se claramente favorável à chegada de novos emigrantes à colônia Blumenau, Joahan Prestien teve seus escritos utilizados por W. Schentke como argumento contra a emigração, em sua já citada obra “Advertência contra a emigração para o Brasil”. Segundo Joahan Prestien, “um dos mais velhos imigrantes de Blumenau, enquanto o pouco húmus da colônia é levado pelas chuvas torrenciais e o solo empobrecido, o adubo necessário não é fornecido por falta de pastagem natural. Acrescenta-se aqui a impossibilidade de valorizar devidamente a colheita por falta de mercado e de comunicação”. Esta afirmação nos permite dizer então, que para para W. Schentke,

[...] Então se compreende porque as colônias Blumenau e Dona Francisca, apesar das subvenções estatais de 1 milhão de Tâleres, encaminham-se para a dissolução e que centenas de colonos as abandonam anualmente (de 1870 a 1871 aproximadamente 400 e no ano de 1871 ainda mais).¹⁸

O colono Philipp Kirschner e seu irmão Rudolph emigraram da Alemanha para Colônia Blumenau em 1854. Nos anos seguintes passaram a escrever para o irmão Luís, que permanecera em Berlim, informando detalhes da situação em que viviam. Em carta escrita em julho de 1856, Philipp relembra a situação difícil que passaram no ano anterior, mas, declara que a vida na nova terra havia melhorado. A mata nativa tinha sentido o efeito dos machados e cedido lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Para ele uma das causas do bom desenvolvimento da colônia Blumenau era o fato de esta ser habitada quase que exclusivamente por alemães. Sobre a agricultura ele escreve:

[...] aqui produzem em abundância diversas espécies de cereais, todas as frutas alemãs, especialmente batatas, feijão, cenouras e todas as espécies de verduras. Preparamos o nosso pão com as nutritivas raízes de mandioca e eu o acho muito saboroso. Além disso, o nosso solo produz mais uma porção de preciosos gêneros, como: arroz, milho, café e muitas frutas e também cana e tabaco estão sendo cultivados com muito sucesso. Ao agricultor, pois, oferece a nossa terra tentadoras possibilidades.¹⁹

Em carta para o irmão Luís também escrita em julho de 1856, Rudolph afirma que as colheitas de arroz, de cana-de-açúcar e de milho não foram positivas, mas ao contrário disso, a batata e especialmente o feijão tiveram ótimos resultados. Quanto à criação de animais ele escreve: “A manutenção de cavalos, mulas, bois, porcos e de toda sorte de aves, é de pequeno custo e poucas dificuldades, já que esses animais, em grande parte, são postos em pastos e a outra parte é alimentada de frutos que aqui há com abundância. Os pastos são excelentes e apresentam aos olhos uma vista bem agradável”. Neste mesmo relato sobre as pastagens e animais, Rudolph apresenta uma informação interessante sobre uma espécie de arrendamento de pastagem, “Nós mesmos temos um pasto de 121 hectares²⁰, no qual recolhemos até animais alheios por um aluguel bem barato”.²¹ Em sua propriedade possuíam oito cavalos, uma mula, um pequeno número de vacas e outros animais domésticos.

A dificuldade de adaptação climática, comum à boa parte dos colonos, não foi problema para Rudolph Kirschner que destacou as virtudes do clima subtropical:

Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto satisfeito. Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a força do verão. Há naturalmente, durante esta época do ano comumente das 7 até as 10 horas da manhã um forte calor mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o qual purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia. O calor a que faço referências, aliás, não é tão forte que não se possa suportar, como muitos talvez pensem aí na Alemanha. Ele atinge, no máximo, poucos graus mais do que na nossa pátria. Em contrapartida nós temos inverno e não temos que nos queixar de problemas sérios de saúde. Entretanto o nosso chamado inverno se caracteriza aqui por uma temperatura de 15° Reaumur, que sobe até 20 graus ao meio dia para descer novamente a 11° e 12° à noite. Segundo as minhas observações, durante todo o ano nós não tivemos mais de 30 noites com temperatura menor de 10°, das quais 3 até 6 com apenas uma pequena queda de geada. Em fevereiro e nos meados de março há muitos temporais.²²

Os relatos de viajantes europeus que passaram por estas colônias eram responsáveis por transmitir informações através de um “olhar externo” a vida destes imigrantes. Em sua viagem pelo Brasil, Robert Avé-Lallemant visitou as colônias alemãs em Santa Catarina em

1858 e suas impressões estão registradas na obra *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Suas observações estavam carregadas de um certo otimismo, e por esta razão aqueles que combatiam a emigração para o Brasil consideravam-no um “famoso agente do governo brasileiro” em favor da emigração.²³

Robert Avé-Lallemant²⁴ analisou alguns aspectos da vida rural destes imigrantes. Sobre a colônia Blumenau, observou que aqueles colonos que ainda na Europa viviam apenas as custas de seus braços eram os mais satisfeitos com a vida rural na colônia. Para aquelas famílias que em sua pátria natal formavam o grupo de transição entre o campo e a cidade e não tinham muita necessidade de emigrar, tornava-se mais comum os problemas de adaptação. As mulheres foram geralmente as mais insatisfeitas. Segundo Avé-Lallemant, os homens encontravam consolo e até alegria nos duros trabalhos na mata e nos resultados obtidos.²⁵ Ao visitar uma família na colônia o viajante observou:

O homem estava sofrivelmente satisfeito e animado. A senhora, porém, desalentada! A casa ainda aberta de todos os lados; entre os esbeltos troncos de palmeiras, que ainda formam a maior parte das paredes, o vento sopra com força; e o tapume onde vivem a senhora e as três filhas por muito tempo não será uma sala. Junto das pseudo-paredes, alguns móveis europeus, restos de um dote.²⁶

Entre as diversas famílias de colonos que se instalaram em Blumenau estava um jovem casal que encheu os olhos de Avé-Lallemant.

Reside aqui um interessante casal, imigrantes, como são quase todos; ambos muito jovens são como um peró²⁷ e, decerto, infinitamente enamorados um ao outro. Construíram uma engraçada casinha de troncos de palmeira; a divisão da sala é bem ornada com quadrinhos, variegadas penas de tucano e outros artigos coloridos da mata. Diante da mesa fixa, um banco de pequenos troncos de palmeiras e um escabelo feito da mesma maneira: não se pode ver recanto mais agradável para duas pessoas. Um jardimzinho em frente da casa não só com bonitas flores até lindos ornatos de caracol e orlas de conchas[...] Além disso, o campo atrás da casa, muito bem lavrado e a cana-de-açúcar cresce viçosamente. É uma pura alegria contemplar casal tão jovem na idade, na casa, e no campo.²⁸

Em suas observações sobre a colônia Dona Francisca em 1858, Robert Avé-Lallemant relatou que a cana-de-açúcar já se fazia presente, a cultura do café ainda era insignificante apesar de existirem belos cafezais e que nos locais mais secos existiam excelentes lavouras de mandiocas. A criação de gado era quase insignificante e conseqüentemente o leite e manteiga não existiam em grande quantidade.²⁹

A abundância de palmeiras nas terras destas colônias foi freqüentemente descrita nos vários depoimentos deixados por colonos e viajantes. Seus troncos e folhas foram extremamente úteis para vida dos habitantes destas colônias, principalmente aos primeiros colonos que as utilizavam na construção de suas moradias e ranchos. O palmito tornou-se um legume de grande valor para alimentação dessas famílias imigrantes.³⁰ Segundo Robert Avé-Lallemant, quando cozido o palmito assemelhava-se ao espargo.³¹

Antes da fundação de sua colônia (1850), Hermann Blumenau fez diversas indicações sobre as possibilidades que uma vida rural poderia apresentar aos colonos na “nova terra” editando o chamado Guia de Instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina no Sul do Brasil. Estes conselhos poderiam de alguma forma dar maior segurança para aqueles que ainda não estavam decididos a emigrar. Ao apresentar as várias profissões que poderiam ter sucesso emigrando para Santa Catarina, Dr. Blumenau destaca os agricultores como a classe mais favorecida. As razões para este sucesso estavam inicialmente nos baixos preços das terras e dos produtos essenciais.

Os interessados em emigrar e que precisam de conselhos e informações em relação as suas condições, devem ser divididos em três categorias: aqueles que não possuem os meios deverão trabalhar como empregados, a fim de juntar o dinheiro necessário para poderem instalar-se por conta própria; aqueles cujos recursos são suficientes para estabelecer-se, mas apenas contam com a força de seus braços; e finalmente, os mais abastados, que desejam investir o capital e aplicar seus conhecimentos, mas devido ao fato de não pretenderem realizar trabalhos braçais, tornam-se dependentes de mão-de-obra assalariada.³²

Segundo o próprio Dr. Blumenau, os agricultores da segunda categoria formavam a maioria e certamente seriam os mais independentes e satisfeitos, pois dependeriam apenas do esforço de seu trabalho. Os trabalhadores rurais mais humildes também possuiriam boas perspectivas já que existia grande oferta de serviços. Os mais abastados eram também os mais difíceis de aconselhar, não sabiam manejar a maior parte dos utensílios agrícolas e dependeriam da contratação de empregados.

Entre as principais indicações deste *Guia* estava a idéia de que inicialmente a agricultura serviria apenas como subsistência, posteriormente o excedente poderia ser investido nas melhorias da propriedade. A riqueza do agricultor estaria na sua propriedade como: suas plantações, seu gado e nas madeiras de lei. Por este motivo seria difícil garantir uma grande reserva de capital.³³ Para Hermann Blumenau, a cultura da cana-de-açúcar apresentava-se como a mais rentável. O plantio de arroz poderia ser outra atividade lucrativa, e com um campo arado e preparado poderiam produzir os “frutos da terra” como milho, feijão e batata. Nas propriedades maiores a garantia de maiores lucros poderia estar na contratação de diaristas para estes serviços. Em atividades paralelas a agricultura seria possível garantir boa renda com a fabricação de manteiga e queijo. A criação de porcos e o setor leiteiro poderiam futuramente dar bons resultados, mas, ainda passavam pelas dificuldades de escoar as mercadorias até o litoral devido à falta de estradas adequadas.³⁴

O interesse por informações sobre as colônias de imigrantes alemães no Brasil também pode ser evidenciado pela presença de Hugo Zoeller nas colônias Blumenau e Dona Francisca por volta de 1880. Zoeller foi encarregado pelo proprietário do jornal alemão *Koelnischer Zeitung* a viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar suas impressões, concluindo seus trabalhos em novembro de 1882.

Quase trinta anos depois de sua fundação a visão que alguns visitantes tinham da vida rural na colônia Blumenau ainda era desenhada de forma bastante rústica. Pela descrição do jornalista Hugo Zoeller, os rebanhos da Colônia Blumenau possuíam boa aparência mesmo com pouco cuidado, pois pernoitavam ao relento mesmo no inverno e apenas os colonos mais ativos construía um abrigo num canto do pasto. Estabelecendo comparações com a realidade europeia, o autor descreve que o gado leiteiro era acostumado a forragem verde no estábulo, os cavalos eram tratados a milho ao invés de aveia e a população substituiu na sua alimentação a mandioca no lugar do trigo. Quanto às habitações ele afirma:

As casas bonitas, geralmente bem cuidadas, são de madeira e se situam a algumas centenas de passos por cercados e se é cumprimentado pelo latir de cachorros. A ocupação principal das pessoas é capinar e muitos, pensando que eu pretendia estabelecer-me aqui, ofereceram-me seus terrenos para compra. Pretendiam mudar-se mais para o interior e começar de novo. Tais mudanças de propriedade são freqüentes, mesmo nas colônias novas, dependendo da maior ou menor atividade do seu proprietário.³⁵

Ao observar a vida cotidiana desses colonos em Blumenau, Hugo Zoeller entende que “[...] É interessante penetrar nos interesses dos colonos: gira em torno dos porcos, bezerrros, vacas, cavalos e carroças”.³⁶

No verão, o clima poderia atingir altas temperaturas, e assim Zoeller observava:

O verão não é propício para o estado de saúde dos europeus nórdicos (Dinamarqueses, Pomeranos, Holsteiner etc) e provoca mais doenças que o inverno. Chama a atenção a baixa intensidade de casos de insolação; mesmo com a elevada temperatura não houve uma vítima fatal durante os trinta anos da Colônia Blumenau.³⁷

Nos seus passeios pela mata, Hugo Zoeller também procurou observar os animais selvagens e as possibilidades de caça para os colonos.

As condições de caça não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abate-se milhares de animais; noutra, procura-se em vão por dias e semanas caças. Eu encontrei no mato somente beija-flores verdes, papagaios de cor verde e cinza, periquitos, arapongas, lagartos, sapos-boi (do tamanho de um gato) e rastos recentes de um cervo maturo escutei uma vez ao longe o bramido dos monos, mas o que mais me agradou foi a visita a um lindo representante dos jardins e das florestas brasileiras em meu quarto. [...] Era um beija-flor verde e branco do tamanho da falange do meu dedo.³⁸

Segundo Hugo Zoeller, os resultados obtidos com a introdução de plantas exóticas diferem em alguns pontos, embora de uma forma geral as árvores não-frutíferas ainda não haviam se aclimatado muito bem nas duas colônias. “Das árvores florestais, somente vi alguns exemplares de Carvalho, Faia (Buche), Tília (Linde), Betuba (Birke), que não se adaptaram”.³⁹

Hugo Zoeller demonstra, através de seus escritos, uma preocupação quanto a grande destruição da Mata Atlântica onde foram instaladas as colônias do vale do Itajaí e norte da Província de Santa Catarina.

Lamentavelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresentam um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.⁴⁰

Com a intenção de propagar as informações sobre o modo de vida dos colonos de origem italiana que emigraram para Brusque e Nova Trento, o Pe. Arcângelo Ganarini (Vigário de Brusque em 1879-80) publicou as *Notícias de Brusque e Nova Trento*. Suas descrições sobre a vida rural nestes núcleos coloniais destacam inicialmente uma evolução considerável na estrutura das propriedades, posteriormente Ganarini ainda apresenta dados sobre as regiões mais interessantes para lavoura, explicações sobre clima, agricultura e produção animal:

Para um europeu que tivesse visitado estas colônias cinco anos atrás, elas lhe pareceriam mais pobres do que realmente o eram, ao notar a mesquinha aparência das casas cobertas com folhas de palmito, tapadas com ripas ou ainda de tábuas, poucas estradas quase intransitáveis...

As melhores terras em torno de Brusque estão ocupadas por colonos tedescos, enquanto os italianos, situados mais distantes no fundo dos vales, nem sempre puderam alcançar boas terras e planas, pois alguns tiveram local bastante apropriado para levantar a casa em razão de tudo ser escabroso monte somente próprio para plantação de mandioca...

Os colonos observando como desta terra se pode alcançar o suficiente para viver sem temer a fome, à ela se afeiçoaram, e ter-se-iam assim colônias laboriosas e pacíficas, prevenindo

deste modo o perigo de ver ainda a retirada de colonos em massa e a levar à Europa contra estes sítios que tem necessidade do sangue de elementos europeus...

A temperatura média anual de Nova Trento é de 17° Reaumur enquanto a máxima observada nos três últimos anos alcança 29° e a mínima a meio grau acima de zero...

As vacas, em relação ao nosso país, são muito poucas. Além de serem bravias, não geralmente leite sem que se dê antes a mamar o bezerro, pelo que uma grande parte do produto pode-se dizer é perdido⁴¹.

Outro viajante alemão que esteve no sul do Brasil foi Wilhem Lacmann. Sua visita ocorreu entre 1903 e 1904, quando relatou suas impressões e as publicou em 1906 num livro intitulado *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. O autor deixa claro em seu depoimento um outro elemento comparativo: a idéia de superioridade dos teuto-brasileiros em relação aos brasileiros.

Em suas observações sobre o meio rural de Blumenau, Lacmann destaca que no início da colônia, dominou o sistema de exploração do solo. A floresta era destruída pelo machado e pelo fogo para o cultivo do solo até seu esgotamento, sendo esta aproveitada novamente após um longo descanso. Nas últimas décadas do século XIX a agricultura em Blumenau teria passado por algum progresso. Muitos colonos haviam abandonado o uso exclusivo da enxada e passaram a utilizar o arado e a grade nos terrenos planos. Entretanto, nas terras com declive o arado não era viável, pois poderia causar graves erosões do solo prejudicando ainda mais a fertilidade deste. Segundo Lacmann, o colono passou a preocupar-se em não esgotar o solo por completo, mas sim transformá-lo em pastagem para o rebanho. Através disso ocorreu um crescimento considerável na produção de leite e conjuntamente na criação de suínos e produção de banha.

Sobre a produção agrícola, este viajante alemão apresentou uma escala de exportação da Colônia Blumenau. Os laticínios ocupavam o primeiro lugar seguido dos produtos da suinocultura, do fumo e dos derivados de cana-de-açúcar, respectivamente. Os principais destinos desta produção eram São Paulo e Rio de Janeiro. A produção de milho e mandioca também era considerável, entretanto não eram exportados e sim utilizados no trato dos animais.

Lacmann percebeu que a agricultura deveria permanecer no sistema da pequena propriedade, pois uma produção em grande escala não seria viável devido ao alto custo da mão-de-obra. Isto se explicava pelo baixo custo das terras, fazendo com que o colono considerasse mais interessante trabalhar por conta própria. Outra observação interessante do autor dizia respeito à situação econômica dos colonos. “Poucos colonos de Blumenau enriqueceram, mas a maioria está bem situada e todos têm sua subsistência”.⁴² Mesmo assim, o autor afirma que a vida rural daquela colônia poderia ser melhor. Além de uma alta carga de impostos, o preço dos produtos agrícolas era oneroso em razão do grande número de intermediários.

O colono entrega seus produtos ao dono da venda e este para o comerciante na cidade, que por sua vez envia para uma firma em Itajaí e de lá seguem para o Rio de Janeiro e São Paulo. Nestas cidades os agentes comissionários vendem os produtos e a fiscalização é exercida pelas grandes firmas sobre os comissionários. As firmas menores são muitas vezes ludibriadas. Tudo isso contribui para baixar o preço pago ao produto⁴³.

Willhelm Lacmann sugere em seu texto, que os colonos de Blumenau seguissem os passos de colonos residentes no Rio grande do Sul e se organizassem em cooperativas para evitar os intermediários.

Como procurou evidenciar a pesquisa, as intenções daquele que escreve estavam comumente relacionadas com as expectativas e curiosidades de seu futuro leitor. As cartas para a família tinham, muitas vezes, a missão de tranquilizar aos que na Europa permaneceram, procurando evidenciar os aspectos positivos de sua escolha. Para grande parte dos colonos, já não era mais tempo de se arrepender da escolha. A adaptação a esse novo ambiente em que passaram a viver era obrigatória, pois um retorno a Europa já era inviável. Aqueles que escreveram sobre suas lembranças dos primeiros anos na colônia geralmente retratavam estes momentos com um sentimento de vitória sobre os tempos difíceis. Para Célia Lucena, a “arte de lembrar” é um ato de recuperação do “eu” e a história de vida é uma interpretação atual da vivência do passado⁴⁴. É possível observar uma certa uniformidade nos depoimentos daqueles que “rasgam” elogios à “nova terra”. Este sentimento pode ser entendido através da análise de Michael Pollak sobre memória coletiva. Sua visão sobre este fenômeno ressalta o *enquadramento da memória*.

Estudar as memórias fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar os sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis⁴⁵.

A análise dos depoimentos utilizados nessa pesquisa deve levar em consideração esse possível *enquadramento de memória coletiva*. O processo de seleção do que deve ou não ser retratado nas cartas pessoais e relatos de viajantes evidencia o valor deste tipo de documentação. Portanto, a utilização destes depoimentos como fonte de pesquisa apresenta-se como um importante instrumento de reflexão para o estudo sobre o modo de vida rural das colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina.⁴⁶

Notas

¹ LUCENA, Célia Toledo. Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. pp 79. apud: MALUF, Marina. Ruidos da Memória. p 40.

² TEDESCO, João Carlos. Memória e cultura. Porto Alegre: EST, 2001. p 19. apud: HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

³ SALOMON, Marlon. As correspondências, uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. UFSC: Florianópolis, 2002. p 31

⁴ Idem, p 53.

⁵ Segundo Carlos Ficker, em Dona Francisca as atividades iniciadas pelos colonos eram frequentemente interrompidas com os primeiros casos fatais de desintéria bacilar e tifo.

FICKER, Carlos. História de Joinville: Crônicas da Colônia Dona Francisca. Joinville: Tupy, 1965. p 104.

⁶ Sobre este assunto ver: DEAN, Warren. RIO CLARO: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1980.

⁷ ALVES, Débora Bendochi. A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX.

⁸ RUHE, Rudolf. Para a História da Emigração Ultramarina da Soberania Territorial do Antigo Principado de Schwarzburg-Rudolstadt no século XIX. (tradução de André Werle).

- 9 RUHE, Rudolf. A Emigração da Soberania de Rodolstadt ao Brasil na metade do século XIX. (tradução de André Werle).
- 10 SCHENTKE, W. Advertência contra a emigração para o Brasil. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).
- 11 Esta afirmação é um pouco exagerada, pois uma população de 5.000 habitantes para jovens colônias era razoavelmente grande para a realidade brasileira naquele período. Além disso, a previsão para o futuro destas Colônias não se confirmou como esta indicação.
- 12 SCHENTKE, W. Advertência contra a emigração para o Brasil. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen).
- 13 Idem, p 9.
- 14 Idem, p 16.
- 15 SCHENTKE, W. Advertência contra a emigração para o Brasil. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p 25
- 16 Idem, p.25.
- 17 PRESTIEN, Johan August. Vida de Colono. Blumenau em cadernos. Fundação Cultural de Blumenau. Vol. 7, p128, 1965.
- 18 SCHENTKE, W. Advertência contra a emigração para o Brasil. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p 24
- 19 KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. Interessante Correspondência. Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, pp 196/197, 1966.
- 20 O texto original apresentava a medida em morgos, entretanto, foi feita uma conversão para hectares. De acordo com o Sistema Métrico Brasileiro de 1866: Um morgo = 2419,9997 m² = 0,242 Hectares. Neste caso, pode-se afirmar que se tratava de uma propriedade de grande porte em relação as demais que possuíam em média 25 hectares.
- 21 KIRCHNER, Philipp e KIRCHNER, Rudolph. Interessante Correspondência. Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de Blumenau, Vol. 7, p 199, 1966.
- 22 Idem: p.199/200
- 23 SCHENTKE, W. Advertência contra a emigração para o Brasil. (tradução de Guido Imaguire/ revisão de Valberto Dirksen). p 21
- 24 AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980.
- 25 Idem, p159.
- 26 Idem: p 160.
- 27 Esta expressão refere-se a fidelidade de um cão.
- 28 AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. São Paulo Ed. Itatiaia, 1980. p 164.
- 29 Idem, p 189/190.
- 30 Idem: p 145
- 31 Idem, p 194.
- 32 BLUMENAU, Hermann.Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) Um alemão nos Trópicos – Dr.Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p 191.
- 33 Idem: p 199.
- 34 BLUMENAU, Hermann.Guia de instruções aos imigrantes para Província de Santa Catarina sul do Brasil. In: FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) Um alemão nos Trópicos – Dr.Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil. Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p 201/203
- 35 ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. Revista Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de

Blumenau, Vol. 5, p 143, 1990.

³⁶ Idem: p. 144

³⁷ Idem, p. 146

³⁸ Idem, p. 146

³⁹ Idem: p. 144

⁴⁰ Idem, p. 145.

⁴¹ GANARINI, Arcângelo. Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é colônias Itajaí e príncipe Dom Pedro, na Província de Santa Catarina. Revista Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de Blumenau, 1859.

⁴² LACMANN, Wilhelm. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. Revista Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 11, p. 35, 1997.

⁴³ Idem, p 35.

⁴⁴ LUCENA, Célia Toledo. Artes de lembrar e de inventar, (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p 79.

⁴⁵ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Vértice, nº3, p 9, 1989.